

O Software Livre enquanto Bandeira do Movimento de Mulheres na TI

Mônica de Sá Dantas Paz¹

¹Grupo de Pesquisa em Gênero, Tecnologias Digitais e Cultura da Universidade Federal da Bahia

contato@monicapaz.net

***Abstract.** This work is part of a larger research that aims to understand the different performances of women organized in groups in the sense of women's empowerment in the free software community. Therefore, we present some results concerning the observation and analysis of the movement of women in technology, represented here by the group /MNT – Mulheres na Tecnologia. Therefore, this article aims to know what are the women's perspectives on the role of free culture in this process of empowerment. That is, focuses on understanding the free software as a important topic of the women's movement in IT in the national context.*

***Resumo.** O presente trabalho faz parte de uma pesquisa maior, que visa entender as diferentes atuações de mulheres organizadas em grupo no sentido do empoderamento de mulheres na comunidade SL. Portanto, são apresentados alguns resultados referentes à observação e análise do movimento de mulheres na tecnologia, representado aqui pelo grupo /MNT – Mulheres na Tecnologia. Sendo assim, este artigo tem como objetivo conhecer quais são as perspectivas das mulheres sobre o papel da cultura livre neste processo de empoderamento. Ou seja, foca-se em entender o software livre enquanto uma bandeira do movimento de mulheres na TI no contexto nacional.*

1. Apresentação

Apesar de ser considerada neutra e objetiva, a ciência e tecnologia sistematicamente afastaram as mulheres deste campo, tanto impedindo a participação de mulheres nos espaços de construção do conhecimento científico, quanto relacionando as características consideradas femininas como inadequadas e inapropriadas ao método tecnocientífico (MAFFÍA, 2007). Contudo, não apenas as mulheres, mas também os homens e a ciência são construções sociais (KELLER, 1991). Sendo assim, é importante perceber que as correntes hegemônicas da ciência ocidental também excluem outras subjetividades e subalternidades, como o que ocorre com as masculinidades que fogem do padrão de homem, branco, adulto, forte, heterossexual, casado, proprietário (GIDDENS, 2005; HARAWAY, 1993; MAFFÍA, 2007, 2008).

Apresentado como alternativa contra-hegemônica, o software livre (SL) vem se tornando uma estratégia e um arcabouço tecnológico e cultural cada vez mais difundido

no Brasil, seja no âmbito comunitário, governamental ou empresarial. O que por um lado pode ser visto como um cenário promissor, ainda apresenta problemas como a baixa participação de mulheres nesta comunidade e as diversas questões de gênero atreladas a este fenômeno.

Assumo que a categoria gênero é a construção social das diferenças percebidas e que busca dar significado às relações de poder sexuadas (SCOTT, 1990). É uma das maiores contribuições dos feminismos contemporâneos no que se refere a explicar as relações de poder entre as pessoas sem se utilizar de binarismo e de determinismos, pois permite entender as diferenças sociais dos sexos a partir de múltiplas possibilidades (GAMBA, 2009; NICHOLSON, 2000; SARDENBERG, 2002, 2007; SCOTT, 1990).

Já o termo *comunidade* é entendido, neste trabalho, no sentido da associação de pessoas que possuem vínculos entre si criados a partir de seus interesses e de seus ambientes de socialização. É a comunidade que, por exemplo, gira em torno do tema SL, da sua produção, consumo e debates, principalmente no que se refere às suas implicações sociais, técnicas e políticas no Brasil, em fóruns presenciais e *online*. Podemos acessar esta comunidade através de listas de discussão como a Projeto Software Livre (PSL-Br) e de encontros presenciais, como o Fórum Internacional de Software Livre (FISL). Sendo assim, considero tantos os aspectos das comunidades virtuais/*online*, como pertencimento, territorialidade, permanência, grupo social, interações, emoções e trocas (JONES, 1997; RECUERO, 2001; RHEINGOLD, 1996; RIGINGS, GEFEN, 2006; KENDALL, 2011) quanto a sua relação com o cotidiano *offline* dos indivíduos que a compõe (HINE, 2004; McINNES, 1997).

Diante deste cenário de desigualdade de gênero na comunidade SL, neste artigo, tenho como objetivo apresentar alguns resultados referentes ao acompanhamento e análise do movimento de mulheres na tecnologia, representado aqui por um grupo de mulheres empenhado nas temáticas que encerram gênero e tecnologias da informação (TI), no caso o /MNT – Mulheres na Tecnologia. Sendo assim, como parte de uma pesquisa maior que visa entender as diferentes atuações de mulheres organizadas em grupo no sentido do empoderamento de mulheres na comunidade SL, busco, neste artigo, conhecer quais são as perspectivas das mulheres sobre o papel da cultura livre neste processo de empoderamento. Ou seja, foco a investigação no entendimento do software livre enquanto uma bandeira do movimento de mulheres na TI no contexto nacional.

O objeto empírico de estudo desta pesquisa, o grupo /MNT – Mulheres na Tecnologia, foi fundado em 2009 por mulheres goianienses integrantes da comunidade SL local, que se questionaram sobre a baixa participação de mulheres nos eventos que as mesmas frequentavam. O grupo tem como objetivos: “promover a troca de experiências entre os membros; capacitar e disseminar a tecnologia da informação entre as mulheres; incentivar pesquisas e reflexões sobre as mulheres na tecnologia; realizar ações de inclusão das mulheres na área; buscar a igualdade de tratamento pelo mercado de trabalho entre homens e mulheres” (MNT, 2014). O /MNT mantém site com notícias, matérias e cadastro de integrantes, lista de discussão por e-mail, grupo no Facebook, dentre outros perfis em sites de redes sociais¹.

1 Para mais informações, ver <<http://mulheresnatecnologia.org/>>.

Os resultados de pesquisa que apresentarei foram obtidos a partir de uma metodologia utilizada que combina métodos qualitativos em ambiente *online* e presencial e que é baseada no que pode ser chamado de etnografia digital (AMARAL *et al.*, 2008; BRAGA, 2006; ESTAELLA, ARDÈVOL, 2007; FRAGOSO *et al.*, 2011; KOZINETS, 2009; MURTHY, 2008)², ou seja, uma variação do método etnográfico adaptado para ser aplicado com/nas TICs. As técnicas utilizadas foram a observação (participante e não participante) em campo presencial e *online*, além de entrevistas e questionário autoaplicável (formulário *online*). Organizando os resultados em temas orientados pela fundamentação teórica e pelos objetivos específicos da pesquisa. Dessa forma, visei compreender as interações entre as participantes do grupo para caracterizá-lo para além do que o mesmo declara sobre si. Também observei os conteúdos debatidos sobre gênero e TI, incluindo SL e feminismo, atentando para as individualidades das percepções das participantes. Por fim, as ações de fomento de empoderamento das mulheres através do SL promovidas e apoiadas pelo grupo também foram alvo das observações da pesquisa.

Portanto, foram necessários a imersão e o engajamento com o grupo pesquisado através de participação em sua lista de discussão por e-mail e site, bem como em suas atividades presenciais. Para a coleta de informações entre as participantes de eventos presenciais sobre software livre, elegi como campo: o 13º e o 14º Fórum Internacional de Software Livre (em diante, FISL13 e FISL14) (Porto Alegre-RS), por ser considerado o maior evento desse tema na América Latina; o 1º e o 2º Encontro Nacional de Mulheres na Tecnologia (I ENMNT e II ENMNT) (Goiás-GO), organizado pelo /MNT; e o VI Congresso Internacional Software Livre e Governo Eletrônico (CONSEGI 2013) (Brasília-DF)³. Sendo assim, assumo diversos papéis no contexto desta pesquisa, de entusiasta do SL, de pesquisadora, de integrante do grupo /MNT e, sobretudo, o de mulher, o que considero válido no escopo da etnografia feminista.

Neste artigo, foquei-me em abordar a relação entre o movimentos de mulheres da TI e o movimento software livre, partindo das percepções que estas mulheres têm sobre as questões de gênero nesta comunidade obtidas a partir do conjunto de técnicas citadas anteriormente. O primeiro questionamento é sobre as barreiras de gênero que estas mulheres enfrentam nesse ambiente. Há questões distintas das observadas em suas vidas em contato com a TI em geral?

Com estes possíveis conflitos de gênero em mente, passo a considerar sobre a participação destas mulheres no convívio comunitário do SL. Como elas avaliam os grupos de mulheres em relação a inclusão e participação das mesmas nesta comunidade? Como elas justificam a atuação de grupos de mulheres no contexto do SL? Por fim, tento avaliar a relação no sentido contrário, indagando sobre a importância do SL para o movimento de mulheres da TI.

2. Barreiras de gênero da comunidade software livre

No sentido de encontrar quais seriam as barreiras impostas às mulheres na comunidade

2 Baseei-me nas diversas considerações das/os autoras/es consultadas/os que se referem à variantes tais quais etnografia virtual, netnografia, etnografia online, etnografia de internet e etnografia digital.

3 Os ambientes e os eventos citados formam o campo da pesquisa de doutorado da qual deriva este artigo, contudo, nem todos foram utilizados diretamente no presente texto.

SL, percebi a partir do *corpus* reunido na pesquisa, que as participantes tendem a apontar com mais clareza e objetividade quais são as possibilidades abertas pelo SL para superá-las do que indicar quais são propriamente as dificuldades enfrentadas pelas mulheres. Mesmo diante deste desafio, alguns indícios emergiram das falas das participantes ao longo da pesquisa, como apresento a seguir.

Em entrevista durante o FISL13, uma desenvolvedora de software, opinou sobre como é necessário superar barreiras de convívio em comunidade, o que considero ser um dos requisitos para o desenvolvimento de SLs.

Antes de começar a trabalhar com [nome do projeto de software livre], eu não me envolvia com nenhum projeto de software livre. E eu realmente tinha receio de fazer qualquer tipo de pergunta ou qualquer questionamento em público sobre algum programa ou qualquer coisa porque... com vergonha. Não sei bem se por timidez ou por ser mulher, mas eu não gostava de me expressar publicamente sobre dúvidas ou questões ou qualquer coisa (Entrevistada 1, 2012).

O fato de muitas mulheres evitarem falar em público, como o citado na fala acima, contribui para uma espiral do silêncio, que oculta as vozes e as ideias das mulheres, que neste contexto são minoria. Esta falta das vozes das mulheres é agravada diante da expectativa que esta comunidade tem em relação ao compartilhamento das realizações tecnológicas e ao convívio em rede previstos pela chamada ética *hacker* (HIMANEN, 2001). Sendo assim, muitas mulheres não participam de debates sobre SL, por ser esta uma comunidade na qual a maioria são homens, evitando, desta forma, se expor e entrar em possíveis conflitos.

Contudo, como já mencionado, reconhecendo ou não algumas das dificuldades típicas da comunidade SL brasileira, estas ativistas costumam depor sobre as potencialidades do SL para superar as barreiras de gênero desta comunidade. Durante o I ENMNT, uma das mentoras do /MNT coloca-se de forma otimista em relação aos obstáculos encontrados pelas mulheres nos ambientes do SL e não ver diferenças em relação ao preconceito contras elas observado na TI em geral:

Eu acho que existem os mesmos preconceitos da sociedade com a mente um pouco mais aberta, mas repercute muito ainda tudo aquilo que você aprendeu na nossa infância, tudo aquilo que a gente veio aprendendo a sua vida toda e ouvindo por uma sociedade. Pela facilidade de ouvir outras pessoas, da liberdade da mente mais aberta é que eles começam a discutir e abrir um pouco mais de espaços. Mas é toda uma cultura que é difícil de mudar de início, é todo um processo que está caminhando para isso, mas ainda a passos curtos (Entrevistada 2, 2013).

Neste mesmo evento, entrevistei uma desenvolvedora de software que participa do grupo /MNT e da comunidade de SL. Também assumindo a postura de apontar possibilidades, a desenvolvedora reconhece que a presença de mulheres é ainda menor na comunidade SL, mas aborda os pontos fortes da sua cultura no que se refere à perspectiva e discriminação de gênero:

Por incrível que pareça, apesar de haver menos mulher no SL do que tem na tecnologia em geral, eu acho que a comunidade, em geral, é assim muito preocupada com essas questões. Então eu me sinto menos discriminada na comunidade SL do que na tecnologia em geral. Então eu acho que, sabe? É uma coisa a se buscar e uma coisa que muita gente fala que é... de tecnologia em geral, mas de SL, que eu acho que é bem predominante da possibilidade

de trabalhar distribuído, de trabalhar de casa, de ter horário flexível, que é compatível com a jornada dupla ou tripla que as mulheres têm ainda. Não deveria ser um problema mas é (Entrevistada 3, 2013).

Contudo, apesar da postura otimista, ao falar sobre o início de sua carreira no SL, de como ingressou em sua comunidade de contribuidores de SL e de como se sentiu no início de suas contribuições no desenvolvimento de softwares livres, a participante 3 dá uma pista de como esta cultura da colaboração e da meritocracia da comunidade SL lhe apresentou dificuldades à sua inclusão. O grupo costuma debater sobre a síndrome do impostor e de como o receio de ser criticadas as bloqueiam de apresentar os seus trabalho junto à comunidade.

Eu não me senti retraída por ser menina num mundo de homens... Eu me sentia retraída! Eu tinha medo, eu isso, eu aquilo. [...] medo da *impostor syndrome*, que é você achar que você não sabe nada, que o povo vai achar que você sabe mais do que você sabe, que você sabe que a qualquer momento você vai descobrir que você é uma impostora, que você vai ser demitida, e que sabe? Eu sentia algo desse tipo e achava que era eu, só eu. Aí eu comecei a ler e um monte de mulher tem esse mesmo problema. Alguns homens tem esse problema? Sim. Mas tem um monte de mulher que tem esse problema. Essa era uma das coisas, que quando eu começasse a contribuir e colocasse o meu código lá, um monte de gente ia apontar os erros. É o jeito que a comunidade SL funciona, com um monte de homem lá que não está nem aí. [...] Aí eu tinha medo de ser ruim. [...] Se eu for ruim na minha área, o pessoal vai me apontar e falar “Está vendo! Mulher é ruim em ciência da computação”. Sim, eu tinha milhares de medos, eu acho que vários... É, um pouco... o fato de eu ser mulher contribuiu (Entrevistada 3, 2013).

Da mesma forma, uma desenvolvedora de software livre indica suas impressões sobre a participação de mulheres na TI e na comunidade de SL e, assim como na fala anterior, demonstra uma auto-exigência de oferecer o melhor de si associada ao receio de ser mal avaliada. Em debate realizado durante o II ENMNT, essa desenvolvedora considera que nos ambientes da cultura livre, como os *hackerspaces*, também há a dificuldade para manter a presença de mulheres junto à comunidade do SL.

[...] então eu acabei indo lá porque ele disse 'vamos lá, é tranquilo, não precisa ficar ansiosa, ninguém vai ficar...'. Que nem na faculdade que eu levantava e todo o mundo ficava olhando o que eu ia falar para ver se eu ia falar alguma besteira sabe, então era uma tensão grande. Eu não podia ser *noob* nunca, nem média, sempre tinha que ser muito boa e eu também sentia isso na comunidade software livre, então eu fui no [*hackerspace*] e o ambiente era mais tranquilo, não existia muito isso. Só que assim eu estou lá desde 2011 e eu comecei a observar que as mulheres iam ao [*hackerspace*] para fazer oficinas ou fazer cursos com a gente que é tudo gratuito, mas elas nunca voltavam. Ninguém se apropriava dos *hackerspaces*, ninguém ia lá fazer projetos, ninguém virava sócio, ninguém nada. Eram só os guris eu e a [amiga], sabe? (Debatedora 2, 2014).

Percebi que algumas mulheres não se sentem confortáveis para ingressar na comunidade e ser avaliadas não apenas em relação ao seu trabalho, mas, principalmente, por serem mulheres. Neste ponto, entra em jogo o debate sobre a meritocracia, que é um dos princípios da ética *hacker* e do SL (HIMANEN, 2001). A meritocracia serve como forma de avaliar e prestigiar os contribuidores da comunidade, o que está relacionado com o seu capital social. Ao contrário do que normalmente se prega sobre o tema, esta

forma de avaliação pode sofrer influências e ser uma das dificuldades encontradas por mulheres na comunidade SL em relação à cultura da colaboração.

Um exemplo de como o mérito é cultivado na comunidade SL é através do processo colaborativo de escolha de palestras para integrar a programação do Fórum Internacional Software Livre. Após a chamada de trabalhos, participantes e palestrantes cadastrados no sistema de inscrição e submissão do eventos têm o privilégio de poder avaliar e assim influenciar no conteúdo do evento. Sobre a meritocracia neste processo de seleção de palestras submetidas pela comunidade, a participante 3 apreciou:

Acontece que o que a gente tem que lembrar é que a maior parte dos participantes é homem, dos palestrantes é homem e dos ex palestrantes também é homem. Então a grande maioria que vai votar é homem. Então se existe uma pequena intervenção para quando tem um trabalho que a equipe está olhando e sabe que é de qualidade mas não foi muito bem avaliado... (Participante 1, 2013).

Esta fala, que se deu durante um debate no I ENMNT sobre a participação de mulheres no FISL, é a favor de que eventos podem promover a maior inclusão de mulheres na programação, visto que o processo de avaliação pode apresentar viés de gênero e prejudicá-las. Ciente disto, o /MNT passou a atuar em promover palestrantes mulheres, incentivando-as a apresentar seus trabalhos em forma de palestra, com a promessa de público, apoio e até mesmo co-autoria.

A partir dessas falas e do observado das demais discussões do grupo ao longo da pesquisa, creio que algumas das suas participantes consideraram a meritocracia um “mito”, pois não acreditam que o mérito seja o único atuante para a valoração e o reconhecimento do trabalho comunitário dentro das comunidades de SL. Além disso, homens e mulheres se posicionam de formas diferentes ao divulgar seus próprios êxitos e a modéstia pode desfavorecer as mulheres (HACHÉ *et al.*, 2001; REAGLE, 2013). Sendo assim, considero que outros fatores de cunho cultural e social também estão agindo, porém, de forma sutil quando se trata de valorar contribuições e contribuidoras/es na comunidade SL. O que torna este tema o princípio da ética *hacker* mais desacreditado entre as participantes do movimento de mulheres na TI.

Em alguns casos, as respostas foram adquiridas ao longo das falas das participantes sem que as mesmas elencassem de forma direta seus argumentos e críticas. Por isso, considero que parte desta dificuldade de expressar suas opiniões sobre a temática proposta é decorrente da típica timidez que algumas pessoas apresentam diante da entrevistadora e dos aparatos tecnológicos de registro e gravação. Esta dificuldade persiste em um grupo que visa, entre outras coisas, combater o sexismo mesmo que pareça ser menor em outros espaços, como a lista de discussão do grupo, por exemplo, o que demonstra o apoio social e pessoal que o /MNT presta a suas integrantes. Outra conclusão é a necessidade do grupo levar em maior consideração a importância de pensar o caso específico do SL e de sua comunidade no que tange os conflitos e as desigualdades de gênero.

Então, diante destas barreiras, como elas fazem uso dos grupos de mulheres para participar desta comunidade e quais são as suas expectativas em relação a esta participação organizada? Creio que as respostas a esta pergunta foram mais eficientes em nos apresentar quais as questões de gênero estão em jogo na comunidade SL, como

veremos a seguir.

3. Participação na comunidade SL através de grupos e iniciativas de/para mulheres

Início a análise desse subtema com a ajuda das respostas coletadas através do questionário autoaplicável com um formulário *online* que divulguei em eventos de SL e em alguns espaços digitais associados ao grupo de mulheres /MNT. Das 26 respostas que obtive com a aplicação do formulário *online*⁴, 19 mulheres declararam participar de grupos de mulheres e 9 declararam ter participado de algum grupo da comunidade de SL. Apenas 8 respondentes declararam participar de grupos de SL e também de grupos de mulheres.

Dentre as iniciativas em gênero e SL citadas pelas participantes, os eventos foram os que mais atraíram a participação das mulheres respondentes. Elas citaram o FGSL - Fórum Goiano de Software Livre, o FLISOL Goiás e eventos sobre o SO GNU/Debian. Alguns grupos de mulheres também foram mencionados como mediadores da participação delas na comunidade SL, como: GarotasCPBR, Garotas Nerds, Mulheres na Tecnologia e PSL-Mulheres. Houve também alguns coletivos citados, como o Projeto Software Livre Brasil, Projeto Software Livre Empresas e o Projeto Software Livre – RJ. Outros grupos de interesse técnicos também foram citados como os ligados ao openSUSE, ao Ubuntu, ao ambiente gráfico KDE e à linguagem de programação Python.

Com base nestas informações, considero que não são muitas destas mulheres as que estão engajadas com o SL através de grupos de usuários/as como as que estão interessadas nas temáticas de gênero nesta amostra de participantes. Por outro lado, há algumas mulheres que se consideram participando da comunidade SL através de sua participação nos grupos de mulheres da TI. Neste mesmo sentido, ao visitar o estande do /MNT no FISL13, conheci mulheres que participaram do evento pela primeira vez devido ao seu engajamento com o grupo.

Percebo, então, que tanto os eventos de SL quanto os grupos de mulheres destas comunidades são portas de entrada para muitas mulheres. Além disso, um auxilia o outro em termos de divulgação e difusão de suas ações e conteúdos. Ou seja, os eventos de SL apresentam os grupos de mulheres para o seu público e os grupos incentivam suas integrantes a participarem de tais eventos. Estas formas de acesso ao SL mediado pelos grupos de mulheres, demonstram que organizações como o /MNT constituem mecanismos de autoinclusão das mulheres (VERGÉS, 2012) nesta comunidade.

Outro caso de inclusão na comunidade auxiliado por projeto sobre gênero e SL, foi comentado na mesa sobre equidade e software livre do II ENMNT. Uma das debatedoras explicou que a sua inserção como colaboradora nesta comunidade se consolidou após a sua participação em um programa com foco em gênero, que a legitimou como desenvolvedora de SL:

Bom... eu vou puxar a sardinha então para o que fazer, na verdade, eu sou uma grande fã dos programas de incentivo, a maior parte das vezes que me chamam para falar dessas coisas eu tento enfiar qualquer assunto que sirva

4 Entre os dias 06 de julho e 27 de agosto de 2013.

para eu divulgar esses projetos. Para mim foi uma... mudou a minha carreira, participar do [programa para novas contribuidoras de software livre] foi o que me deu oportunidade de ser desenvolvedora nessa área que eu gosto, desenvolvedora de software livre (Debatedora 1, 2014).

Por fim, também chamou-me atenção o caso no qual o desenvolvimento da consciência feminista de uma das participantes a incentivou a se engajar de forma mais atuante na comunidade SL. No trecho a seguir, uma outra debatedora da mesa citada acima nos indica como o seu ativismo feminista aliado ao seu interesse pelo software livre a impulsionou a ser mais ativa e a participar de formas mais diversificadas na comunidade SL:

Eu descobri que tem uma frase assim em espanhol que falava assim 'durmo pouco, mas sonho muito' e é mais ou menos assim na minha vida. Então é assim eu vou fazer 10 anos de FISL ano que vem da Associação SL, tenho 24 anos, então eu comecei muito nova dentro da... do interesse na comunidade SL e engraçado assim que eu demorei sei lá uns bons 5 ou 6 anos para começar a participar da comunidade de fato apesar de eu estar sempre ligada no que estava acontecendo dentro dela, eu não me sentia muito merecedora para entrar e fazer coisas para ficar fazendo sozinha com o pessoal da comunidade e então eu descobri que é importante, descobri o feminismo e tal e aí eu estou curiosa porque eu estou fazendo o 'tecnofeminismo' e eu nunca havia ouvido dele (Debatedora 2, 2014).

Também detectei outras razões expostas pelas participantes da pesquisa (via formulário *online*) que justificam a presença de grupos de mulheres na comunidade SL ao perguntar sobre a importância da presença destes grupos de mulheres neste meio, como apresento na seção a seguir.

4. A atuação de grupos de mulheres na comunidade SL

A partir das respostas obtidas via formulário *online*, algumas participantes declararam que acreditam que os grupos de mulheres da TI podem ser fomentadores da diversidade de gênero na comunidade SL, que é marcada pela grande participação masculina.

Não sou de nacionalidade brasileira, mas vivi tanto tempo lá, em Brasília, tendo a possibilidade de participar em grupos de temas de meu interesse, como é o software livre, que gostei muito descobrir um grupo com essa visão (Gênero), assim acho muito importante incluir essa visão, num campo que [ainda] é "dominando" por homens (Respondente #23, 2013)⁵.

é importante para estimular a participação de mulheres e para que sejam reconhecidas pelas qualificações técnicas e pessoais e não somente pelo fato de serem mulheres. Acredito que é importante estimular a participação de pessoas em geral, no caso das mulheres é um fator importante pq ultimamente é crescente o número delas em cursos de informática (Respondente #15, 2013)⁶.

Neste mesmo sentido da inclusão, outras participantes mencionaram a importância da atuação em termos de empoderamento das mulheres, o que pode acarretar em uma maior colaboração de mulheres ao SL:

5 Respondente #23: mulher, participa de grupos de SL e de mulheres.

6 Respondente #15: mulher, participa de grupos de SL e não participa de grupos de mulheres.

Reforça a inclusão e empoderamento das mulheres na área e nas comunidades (Respondente #3, 2013)⁷.

Fundamental. Diferente do que muitos homens falam por aí que isso é um tipo de preconceito ou "feminismo" (utilizando o termo de maneira equivocada) é de suma importância o incentivo no ingresso de mulheres na comunidade SL (Respondente #12, 2013)⁸.

Algumas mulheres também consideram que estes grupos podem atuar em questões socioeconômicas, como o compartilhamento de conhecimento, inclusive o técnico. Elas veem nesta abordagem a possibilidade de amenizar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho com o SL, inclusive, enfrentando as discriminações de gênero.

A importância está em unir as mulheres que já estão na área e fomentar a ideia de que software livre e tecnologia são carreiras bastante atrativas para as mulheres (Respondente #5, 2013)⁹.

Acredito que a existência de grupos de mulheres que atuam em qualquer aspecto da tecnologia já é algo de grande importância. São mulheres que sofrem no dia-a-dia diversos tipos de machismo, mas que se apoiam e que juntas ganham força para enfrentar estes machismos e encorajam outras a conquistarem seu espaço e respeito no mercado (Respondente #11, 2013)¹⁰.

É importante pois abre espaços para integração das mulheres em novas áreas de conhecimento, como o software livre (Respondente #9, 2013)¹¹.

Diante destes relatos, percebo que as respondentes interpretaram o software livre não apenas enquanto comunidade engajada em ideologias e atividades de cunho social, mas também o pensam em termos técnicos e econômicos, principalmente, em relação ao impacto em suas carreiras profissionais. Elas se utilizam dos discursos e princípios do SL e da ética *hacker* para justificar os grupos de mulheres e buscam colocar tais premissas em prática, em seu favor.

Como já mencionado, o grupo /MNT foi formado em 2009 e, desde então, o apoio e a participação na comunidade de SL se mantiveram, com a difusão, o uso e o debate sobre o tema, dentre outras atividades. Durante o I ENMNT, uma das conselheiras do grupo, em entrevista, esclareceu sobre a origem da relação do grupo com a comunidade SL e sobre a presença desta temática dentre uma das preocupações do grupo para o seu encontro:

Sim. A gente acredita muito nessa filosofia de colaboração. Então o encontro não é só focado nisso mas em todas as oportunidades que a gente teve de envolver a ideia da liberdade do conhecimento, da filosofia de colaboração para a mudança do resultado que a gente quer da sociedade, a gente inseriu e são princípios que a gente viu no SL. Todas as fundadoras fazem parte do movimento SL e foi nesse que nasceu o movimento de Mulheres na Tecnologia. Então o grupo se preocupou com isso sim quando imaginou o encontro nacional (Entrevistada 2, 2013).

7 Respondente #3: mulher, participa de grupos de SL e de mulheres.

8 Respondente #12: mulher, participa de grupos de SL e de mulheres.

9 Respondente #5: mulher, não participa de grupos de SL e participa de grupos de mulheres.

10 Respondente #11: mulher, não participa de grupos de SL e participa de grupos de mulheres.

11 Respondente #9: mulher, não participa de grupos de SL e participa de grupos de mulheres.

Então avalio que a adoção do SL como uma das bandeiras do movimento de mulheres pode ser relacionada, inicialmente, com a percepção que mulheres têm a respeito da importância da apropriação destas tecnologias para a abordagem de questões de gênero na comunidade SL do Brasil, como apresento a seguir.

5. A apropriação do SL pelo movimento de mulheres

Afinal, como o software livre pode contribuir para o movimento de mulheres? Das respostas obtidas com o formulário *online* destas mulheres à pergunta “Qual a sua opinião sobre as formas como o software livre pode atuar em relação à causa das mulheres na tecnologia?” selecionei três conjuntos de explicações que remetem aos princípios do SL.

O primeiro conjunto remete ao caráter ideológico e de movimento social da comunidade SL e sua propensão à interlocução com outros movimentos e minorias:

Software livre além de tecnologia é ideologia o que estimula aquelas que são mais engajadas no social a se incluir na tecnologia (Respondente #1, 2013).

A comunidade de software livre costuma reunir profissionais que acreditam em militância. Consequentemente, estes profissionais estão mais abertos a diálogos sobre inclusão e exclusão de pessoas (Respondente #11, 2013).

Acredito que a filosofia do software livre é condizente com a luta do feminismo no sentido que valoriza a justiça e os direitos dos usuários assim como a liberdade individual (Respondente #13, 2013).

O segundo conjunto de respostas, está contido no anterior, mas considero importante destacar o fato de demonstrar a tendência específica da comunidade software livre em apresentar-se aberta a debates sobre diversidade, igualdade, direitos e liberdades, dentre outros assuntos, em seus espaços de discussão:

Espaço de discussão sobre varios assuntos relacionados [às] mulheres e sua participação nas TICs (Respondente #8, 2013).

Sim, vejo que existem eventos como o FISL que abrem um espaço especial para as mulheres, até na Campus que não é um evento essencialmente de software livre existe uma participação boa nessa área (Respondente #15, 2013).

Por fim, o terceiro conjunto de respostas indicam as opiniões das respondentes sobre como e porque o movimento SL e sua comunidade se relacionam com a inclusão digital de mulheres e com o compartilhamento de conhecimento:

Sendo por definição e nascimento uma comunidade mais aberta acredito que muito pode ser feito como por exemplo facilitar a entrada de mulheres na tecnologia, incentivar que mulheres falem e apareçam no mundo do desenvolvimento de software, colocar metas de contratação de mulheres, entre outras coisas (Respondente #5, 2013).

Pode auxiliar, por ser um software aberto, possibilitando o aprendizado de fácil acesso (Respondente #9, 2013).

Por ser um "ambiente" livre e que essencialmente vive do compartilhamento de esforços, contribui certamente para o crescimento pessoal/profissional/acadêmico das mulheres, além de ser um ambiente livre

de preconceitos (Respondente #10, 2013).

Sendo assim, é diante destas três tendências que relacionam o SL com o movimento de mulheres e iniciativas em gênero e TICs que podemos interpretar as falas de três das debatedoras da mesa sobre equidade e SL ocorrida no II ENMNT e integrantes do /MNT, como já mencionada. As debatedoras apresentam perfis de desenvolvedoras, empreendedoras e/ou de lideranças e falaram sobre seus projetos.

Para a debatedora 1, a comunidade SL e seus projetos de tutoria podem se adaptar às realidades locais e das minorias, além das questões de gênero. Outro ponto destacado por ela, é que o SL põe seus membros em contato com outras culturas durante seus processos de colaboração e compartilhamento do conhecimento. Com isso, as brasileiras podem encontrar maneiras para superar a atual brecha digital.

Então você que é mais ligado a infra estrutura, você mais ligado em segurança, você ligado mais em desenvolvimento web, tem algum programa para você participar, trabalhar com gente do mundo inteiro, ter mentores excelentes, conhecer pessoas de outros cantos, ganhar um dinheirinho, fortalecer seu currículo. [...] Eu acho que o software livre traz a possibilidade com esses programas assim ter... sair da caixinha. O mundo é menos machista que o Brasil, ter experiência de ser tratada um pouco melhor, eles não são perfeitos mas a minha experiência fora é melhor que no Brasil então, essa coisa de ter contato com o mundo é o que eu acho que o SL contribui com a causa das mulheres. É um pedacinho do que eu acho... (Debatedora 1, 2014).

A segunda debatedora, também representou a necessidade que algumas mulheres têm de associar a necessidade de atuar para a maior participação de mulheres na cultura livre com a possibilidade de trabalhar com modelos de negócios do SL.

E o outro projeto que eu resolvi fazer de vida foi criar a minha própria empresa. Por que eu quis criar a minha própria empresa? Foi muito sem querer [...] Com foco em software livre, é exatamente, em fazer só... em trabalhar só com software livre, inclusive até os designs eu faço só com GIMP assim, eu me sinto vanguardista mas... Mas por que eu resolvi fazer isso, porque eu queria escolher... com que trabalhar, [...] porque eu resolvi meio que sem querer a montar um empresa e comecei a chamar minhas amigas para trabalhar comigo da área de TI, da área de designer, de repente vai fazer 6 meses, as coisas então dando certo, todo mundo está pagando o aluguel trabalho bem alimentado, então eu estou no início aí dessa parte de empreendedorismo com software livre então assim uma das coisas que eu tenho para levar para os eventos é que ensinar as pessoas como ganhar dinheiro com software livre, porque as pessoas não sabem muito como fazer isso e eu estou elaborando uma metodologia de explicar como isso funciona (Debatedora 2, 2014).

Uma terceira debatedora também indicou o uso do SL como uma escolha tecnológica e ideológica, coerente com suas demandas em atrair e incluir meninas nos estudos na computação, por entender que há uma tendência delas a não escolher esta área para desenvolver as suas profissões.

[...] a minha relação com o SL não é... Eu não sou a maior defensora do mundo mas no meu último ano eu precisava montar um projeto [...] e o desafio é “vamos ensinar meninas a programar, ser empreendedoras e fazer tudo acontecer”. E a gente decidiu que faria isso com SL por questões ideológicas de que a gente estava dando liberdade para as meninas, porque

era a melhor ferramenta do mercado porque a gente acreditava que a gente poderia fazer aquilo (Debatedora 3, 2014).

Ainda sobre a entrevista durante o I ENMNT com uma das mentoras do /MNT, ela também explicou-me que a contribuição do SL à causa das mulheres está em apresentar-se como uma comunidade mais receptiva a assuntos não-hegemônicos, possibilitando a inclusão de novatas e a ascensão das que já estão na área da TI. Tais possibilidades se dão através do uso das tecnologias livres e dos benefícios da convivência comunitária considerada mais amistosa:

O software livre é mais aberto à participação das pessoas da comunidade geral, inclusive de mulheres do que as iniciativas normalmente proprietárias. Então acaba abrindo um espaço maior para fala da sociedade, para a nova voz da mulher em querer fazer parte dessa sociedade o que ajuda que ela consiga entrar também nessa parte tecnológica e se desenvolver um pouco mais, vendo um mercado, um ambiente um pouco mais brando do que o ambiente proprietário e conseguindo se sentir parte dele, mudando um pouco o perfil comum (Entrevistada 2, 2013).

Além destes três tópicos, algumas respostas registradas pelo formulário *online* levaram em consideração o SL enquanto comunidade (respondentes #5 e #11, por exemplo) ou os seus espaços de debate (respondentes #8 e #15, por exemplo). Outras o mencionaram como solução técnica (respondentes 9# e #25, por exemplo) e, ainda, como movimento baseado em uma ideologia em particular (respondentes 1# e #13, por exemplo).

6. Considerações finais

Existem muitos indícios que comprovam como o SL e a cultura livre estão presentes nas atividades das mulheres que se associam para debater e fomentar gênero na TI. A partir do observado, as integrantes do /MNT demonstram conhecer e defender os princípios deste movimento, participam dos eventos da comunidade e, também, usam softwares livres enquanto soluções técnicas em diferentes níveis de *expertise*. Sendo assim, considero que o SL está presente no movimento de mulheres na TI enquanto artefato tecnológico e ideologia, além prover um convívio comunitário gerado ao redor desta temática e suas práticas sociotecnológicas.

Contudo, a relação entre o software livre e o movimento de mulheres está inserida na cultura que estas mulheres compartilham em termos de TI em geral, o que pode dificultar a verificação das especificidades do SL no que se refere ao gênero. Por isso, empenhei-me em manter as entrevistas e os debates focados em SL e observei o grupo estudado nos eventos desta comunidade.

Mulheres ligadas ao grupo /MNT e participantes desta pesquisa avaliam o SL no contexto do movimento de mulheres na TI a partir do aspecto ideológico e de movimento social, o que também está relacionado com uma maior tendência desta comunidade em debater sobre diversidade, igualdade, direitos e liberdade. Elas também apostam na possibilidade de adaptação destes softwares às realidades locais e das minorias. Neste ponto, entram em destaque as questões da inclusão digital e do empreendedorismo com SL, como uma forma de empoderar mais mulheres, aumentando a sua participação e protagonismo na comunidade brasileira de SL, bem como em toda a área da TI.

Percebo então que há uma diversidade pela qual estas mulheres interpretam o SL em relação ao movimento de mulheres. Elas estão explorando características do SL como abertura, liberdade e flexibilidade, para propor o debate de gênero, bem como ações mais concretas de reparação da escassez de mulheres nas TICs, assumindo-o como uma bandeira ou um projeto sociotécnico e político em favor das mulheres.

7. Referências bibliográficas

- AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia. VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. FAMECOS/PUCRS, Porto Alegre, n.20, p.34-40, dez. 2008.
- BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação *online*: uma discussão metodológica. **UNIrevista**, v.1, n.3, jul. 2006.
- ESTALELLA, Adolfo; ARDÈVOL, Elisenda. Ética de campo: hacia una ética situada para la investigación etnográfica de internet. **Forum: Qualitative Social Research**, v.8, n.3, art.2, Septiembre 2007.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GAMBA, S. B. Estudios de género/perspectiva de género. In: GAMBA, S. B. (Org.). **Diccionario de estudios de género y feminismos**. [s.l.]: Biblos, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução: Sandra Regina. Netz. 4.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HACHÉ, A.; CRUELS, E.; VERGÉS, N. **Mujeres programadoras y mujeres hackers: una aproximación des de Lela Coders**. [s.l.:s.n.], 2011.
- HARAWAY, D. J. O humano numa paisagem pós-humanista. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina: UFSC, n.2, 1993.
- HIMANEM, Pekka. **A ética dos hackers e o espírito da era da informação: a diferença entre o bom e o mau hacker**. Tradução: Fernanda Wolff. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- HINE, Christine. Virtual ethnography revisited. In: _____. Paper summary prepared for session on *Online* Research Methods, Research Methods Festival, Oxford, July 1st 2004.
- JONES, Quentin. Virtual-communities, virtual settlements & cyber-archaelogy: a theoretical outline. **Journal of Computer Mediated Communication**, v.3, December, 1997.
- KELLER, Evelyn Fox. **Reflexiones sobre gênero e ciencia**. Valencia: Alfonso Magnanim-Institució Valenciana d'Estudis i Investigació, 1991.
- KOZINETS, Robert. **Netnography: doing ethnography research online**. [s.l.:s.n.], 2009. (cap. 1 e 2.).
- KENDALL, Loril. Community and the Internet. In: CONSALVO, Mia; ESS, Charles

- (Org.). **The handbook of internet studies**. [s.l.]: Blackwell Publishing Ltd., 2011.
- MAFFIA, D. Epistemología feminista: la subversión semiótica de las mujeres en la ciencia. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, v.12 n.28, Caracas, Venezuela, jun. 2007.
- McINNES, A. The Agency of the InfoZone: exploring the effects of a community network. **First Monday, Peer-Reviewed Journals on the Internet**, v.2, n.2-3, Feb. 1997.
- MNT. MULHERES NA TECNOLOGIA. **Quem somos**. 2014. Disponível em <<http://mulheresnatecnologia.org/quem-somos>>. Acesso em: 19 abr. 2014.
- MURTHY, Dhiraj. Digital ethnography: an examination of the use of new technologies for social research. **Sociology**, London: Sage, v. 42, n.5, p. 837–855, 2008.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, v.8, n.2, 2000.
- REAGLE, Joseph. Free as in sexist? Free culture and the gender gap. **First Monday, Peer Reviewaed Journal on the Internet**, v. 18, n. 1, 7 January 2013.
- RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 5., 2001. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/teorica.htm>>. Acesso em: 01 maio 2014.
- RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa, Gradiva, 1996.
- RIDINGS, Catherine M.; GEFEN, David. Virtual community attraction: why people hang out *online*. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v.10, page 00, November 2004.
- SARDENBERG, C. M. B. Back to Women? Translations, re-significations, and myths of gender in development planning and policy in Brazil. In: CORNWALL, A.; WHITEHEAD, A.; HARRISON, E. (Eds.). **Feminisms in Development: contradictions, contestations & challenges**. London: ZED Books, 2007.
- SARDENBERG, C. M. B. Da crítica feminista à ciência: uma ciência feminista?. In: COSTA, A. A. A.; SARDENBERG, C. M. B. (Orgs.). **Feminismo, ciência e tecnologia**, Salvador: [s.n.], 2002. (Coleção Bahianas).
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22jul.-dez. 1990.
- VERGÉS, N. B. De la exclusión a la autoinclusión de las mujeres en las TIC. Motivaciones, posibilitadores y mecanismos de autoinclusión. **Athenea Digital**, v.12, n.3, p.129-150, 2012.